



O veterinário que garante a qualidade dos toiros nas corridas

O MIRANTE acompanhou José Luís Cruz, de Almeirim, num espectáculo tauromáquico na Chamusca

Delegado técnico da Inspeção Geral das Actividades Culturais há 17 anos, José Luís Cruz é um dos veterinários mais conceituados nas corridas e é a ele que cabe a tarefa de aprovar os toiros para os espectáculos em que é nomeado e acompanhar os animais até que a tourada acabe.

O MIRANTE

Exigente como é conhecido, o profissional de Almeirim que há 17 anos exerce funções de delegado técnico da Inspeção Geral das Actividades Culturais (IGAC) tem a função de garantir a qualidade dos toiros nas corridas para as quais é nomeado e de verificar que o animal não sofre até entrar em praça. O veterinário chegou à praça no sábado, dia 6 de Setembro, pelas 13h00, para fazer as verificações no descarregamento dos toiros. A corrida era nocturna, às 22h00. Se fosse à tarde tinha que estar presente às oito da manhã. Começou por pedir os certificados e os registos dos toiros que no final são assinados por ele e pelo director de corrida, que nesse espectáculo era Lourenço Luzio, residente em Azambuja, para que os animais não sejam mais lidados em touradas. Minutos depois começam a ser descarregados da camioneta para os curros os toiros, um a um. José Luís Cruz manda sair quem não pertence aos curros para não perturbarem as tarefas. Cada toiro passa por corredores apertados até ser encaminhado para uma zona onde se fecham portas pesadas de madeira à frente e atrás confinando o animal a um espaço em que não consegue quase movimentar-se. Nesta zona está o tabuleiro de uma balança. Do lado de fora, através da parede, há um pequeno orifício para se ver o toiro. É registado o peso e abre-se a porta da frente para que este entre para um espaço mais largo onde pode ser visto de cima, de um patamar em ripas, onde o pessoal dos curros controla as portas. Não terem o peso mínimo de 410, 430 e 440 quilos respectivamente para praças de terceira, segunda ou primeira é motivo para que o animal seja recusado e não possa ser lidado. O veterinário verifica o número do animal e de uma parede de cimento, ao nível dos curros, espreita para ver as características do toiro e se este tem algum defeito, sobretudo de visão. Depois manda-o recolher para o lugar onde vai ficar até sair à praça. O processo repete-se com os outros sete toiros que o ganadeiro enviou. A entrada de um toiro mais agitado faz com que José Luís Cruz seja mais rápido e grite para que seja imediatamente colocado no cubículo onde vai ficar a descansar. Pelo meio do trabalho, o delegado técnico vai dizendo que a praça da Chamusca, apesar de ser muito antiga, é uma das que tem boas condições para se fazer a verificação técnica dos animais. A tarefa seguinte é definir-se quais são os toiros para serem corridos e quais ficam como "sobreros" (de reserva), tarefa que com o novo regulamento tauromáquico cabe ao ganadeiro e ao empresário da praça que depois de negociarem comunicam o resultado ao veterinário e ao director de corrida. Depois de almoço é feito o sorteio para se saber a quem calha lidar cada animal. O veterinário ainda tem muitas horas de trabalho pela frente. Tem que acompanhar de seguida o processo de embolar os toiros (colocação de protecções nos cornos para protecção dos toureiros). Nesta tarefa, José Luís Cruz tem de ver se a ponta do corno não é cortada demais e ver o comportamento dos animais. Um deles mandou uma forte cornada quando entrava para a

O MIRANTE

mas tudo correu bem. Acabado este trabalho, já depois das 19h30, o veterinário só teve tempo de ir a casa, em Almeirim, vestir o fato e a gravata e comer qualquer coisa rápido para passar a mais uma fase das suas funções. Meia hora antes do espectáculo José Luís Cruz e Lourenço Luzio sentam-se na zona reservada à direcção de corrida com a bandeira portuguesa pendurada à sua frente no gradeamento. A partir daqui o veterinário passa a ser assessor do director de corrida comunicando que um toiro deve ser retirado da praça durante a lide por algum motivo, como alguma lesão que tenha sofrido. José Luís Cruz estava a trabalhar há dois anos como veterinário para a União de Criadores de Toiros de Lide em Espanha, onde o trabalho do veterinário é muito mais exigente, quando foi convidado para delegado técnico da IGAC. Na altura quem o convidou foi Joaquim Grave, que era investigador da Estação Zootécnica Nacional e também ganadeiro, actividade esta que mantém.

Mais Notícias